

## Arqueologia

Frédéric Fruteau de Laclos

Université Paris I Panthéon-Sorbonne

---

### **RESUMO:**

Tradução de DE LACLOS, F. F. Archéologie. In: BERT, J.-F. & LAMY, J. *Michel Foucault: un héritage critique*. Paris: CNRS, 2014, p. 89-95.

Tradutor: Alessandro Francisco.

---

Três obras de Michel Foucault se apresentam explicitamente como “arqueologias”. Em 1963, *O Nascimento da clínica* propõe uma “arqueologia do olhar médico”. Em 1966, precisa-se que *As palavras e as coisas* é uma “arqueologia das ciências humanas”. Em 1969, enfim, Foucault publica *A arqueologia do saber*. Mas é preciso aguardar o último livro para que o sintagma “arqueologia” encontre sua significação, no momento em que Foucault é conduzido a explicitar seu método por si mesmo. Até então, a palavra era uma casca vazia. Desta descoberta do sentido da palavra “arqueologia” é testemunha sua promoção no título do livro de 1969, uma vez que figurava somente nos subtítulos dos lançamentos precedentes.

A arqueologia toma por objeto os enunciados ou os discursos, o conjunto das coisas ditas, que Foucault batiza de “arquivos”. Os historiadores sempre trabalharam sobre tais documentos. Mas o arqueólogo não é um historiador. Ele não se interessa pelos produtores do arquivo, pelos atores da história que são os sujeitos da enunciação; não se interessa, além disto, pelos objetos ou pelas realidades designadas pelos discursos; enfim, ele não se atém aos significados dos enunciados como podem fazê-lo os analistas das estruturas (com vistas a liberar sua coerência interna). O arqueólogo se orienta aos enunciados como tais, a conjuntos de enunciados tanto por estarem relacionados quanto por, devido a sua forma própria, se organizarem em um nível ou em um estrato regulado, cada estrato constituindo uma *epistème* separada dos conjuntos seguintes e dos conjuntos precedentes por limiares ou descontinuidades ditas epistemológicas.

### *Histórias de Arqueologias*

Porque lidava com discursos antes de lidar com práticas, porque apreendia as práticas por meio dos discursos, Michel Foucault interessou-se pelos discursos. Em A

*arqueologia do saber*, teorizou sua própria prática atendo-se à noção de “discurso”, sobredeterminada pelo estruturalismo linguístico da época, tal como mostrou Paul Veyne. Mas Veyne falou também deste aprofundamento metodológico como um desvio inapropriado e vão, d’*A arqueologia do saber* como um livro “embaraçoso” e “escrito rápido demais”<sup>1</sup>. Que já em *As palavras e as coisas* se manifesta um equívoco fundamental e nocivo, Veyne o assinala comentando o título da obra, a seus olhos infeliz: dá a impressão de que seu autor pretendeu trocar as coisas pelas palavras, se desembaraçar das primeiras em benefício das segundas<sup>2</sup>.

Em *As palavras e as coisas*, a vida, a linguagem e o trabalho, matérias respectivas da filosofia natural, da gramática comparada e da análise das riquezas, aparecem menos como realidades em si do que como entidades construídas, capazes de emergir do discurso de ciências em via de constituição. A partir deste momento, o discurso encontra-se em uma posição singular: paralelamente à vida e ao trabalho, representa um dos objetos da “arqueologia das ciências humanas”; ao mesmo tempo, é a densidade própria de certas discursividades que dá corpo à objetividade da linguagem como àquelas da vida e do trabalho. Será preciso o progresso representado pela escrita d’*A arqueologia do saber* para que Foucault consiga articular adequadamente esta dupla posição do discurso, de uma parte “comprometido” ou implicado, situado no mesmo nível das outras “realidades”; de outra parte, sendo-lhes sobressalente ou lateral, modo de descrever e de explicar estas realidades.

Foucault passou do objeto ao método, tomou apoio sobre um dos objetos da “arqueologia das ciências humanas” – a linguagem – para precisar seu método. Oscilou do estudo histórico da linguística à análise discursiva da história. A promoção metodológica e reflexiva dos enunciados, a ênfase do discurso em *A arqueologia do saber* tornou-se possível pelas conclusões extraídas do exame da linguagem em *As palavras e as coisas*. Se Foucault estima, por exemplo, poder falar de formações discursivas sem referência a um sujeito da enunciação, é porque julga ter conseguido identificar este momento histórico que vê o desaparecimento do homem em benefício da linguagem como objeto próprio e único da disciplina linguística. A formulação de uma arqueologia do saber, em 1969, é devedora de manobras e desvios históricos da arqueologia das ciências humanas de 1966. *As palavras e as coisas* exhibe e enuncia as

---

<sup>1</sup> VEYNE, 1996, 385; 2008, p. 58.

<sup>2</sup> Tese defendida por Olivier Revault d’Allonnes em relato virulento no livro de 1966, as palavras põem-se “contra as coisas” (D’ALLONNES, 1970).

condições de possibilidade da constituição da prática teórica explicitada em *A arqueologia do saber*.

De um ponto de vista foucaultiano, não é problemático que a arqueologia pressuponha-se a si mesma? É a mesma arqueologia que é praticada aqui sobre as ciências humanas, lá sobre o saber? É o mesmo procedimento implementado desde 1966, e que é sistematizado tendo sido explicitado três anos mais tarde? É delicado defendê-lo, na medida em que seria preciso que fosse descoberta a possibilidade de uma linguística sem homem para que fosse passível de tematizar a concepção de enunciados sem sujeito de enunciação. Os dois empreendimentos não poderiam ser colocados sobre o mesmo plano, ainda que *As palavras e as coisas*, que precede *A arqueologia do saber*, a prepare igualmente.

#### *Antropologia e metafísica*

É ainda mais constrangedor que a arqueologia, desde sua implementação em 1966, não permita o resultado teórico que promete, pois a constatação arqueológica final de *As palavras e as coisas* é dificilmente defensável: que a linguística tenha-se constituído ciência humana negando o homem como suporte da linguagem, é discutível<sup>3</sup>. Entre os primeiros passos da gramática comparada, que refere a linguagem ao homem como espécie social, e as primeiras fagulhas da “morte do homem”, por meio da constelação matizada que une, em *As palavras e as coisas*, Nietzsche a Heidegger, Mallarmé a Artaud, existe uma rica história da linguística comparada que a liga profundamente ao estudo da natureza humana, que a articula a uma “psicologia dos povos”, antes nomeada antropologia. Esta história é europeia, pois, após os primórdios alemães, com a segunda carreira de Wilhelm Wundt e os trabalhos de seus alunos Moritz Lazarus e Heymann Steinthal, a linguística antropológica ampliou-se, na França, com a psicologia da linguagem de Henri Delacroix, igualmente herdeiro da linguística histórica de Antoine Meillet, em seguida com a psicologia histórica de Ignace Meyerson, próximo do linguista Jean Vendryès; a virtude fecundante destas pesquisas se expressa até a antropologia histórica de Jean-Pierre Vernant, por meio de seus trabalhos sobre os mitos gregos.

Uma infeliz lacuna se assinala na exposição de Foucault. Histórica, esta lacuna faz aparecer uma omissão no curso da articulação arqueológica das *epistémiai*. Mas está

---

<sup>3</sup> DE LACLOS, 2012, p. 255-276.

claro que esta lacuna é necessária a Foucault com vistas a um salto metafísico, mais precisamente a um salto *na* metafísica. O que é a metafísica? Este conjunto de referências que não são elas próprias relacionadas historicamente, mas das quais a nuvem teórica permite a Foucault avançar sua concepção da linguagem como opacidade encerrada em si mesma, objeto de uma ciência dita humana que não está apoiada sobre o homem senão para anunciar sua morte iminente. A arqueologia é mais precisamente a *metafísica da prática teórica* de Foucault. Dizemos “metafísica”, embora os autores mobilizados por Foucault não sejam todos filósofos, longe disto, e ainda que, enquanto o sejam, declaram-se por vezes abertamente opostos à metafísica. Mas a concepção foucaultiana, em particular sua filosofia da linguagem, é metafísica no sentido em que é transcendente ao âmbito dos próprios fatos<sup>4</sup>. De que fatos se trata? Ao mesmo tempo dos fatos de história da filosofia da linguagem e dos simples fatos de linguagem. Trata-se mais exatamente de teorias antropológicas consideradas como inúmeros fatos de história que valorizaram a capacidade humana dos fatos de linguagem.

#### *Gênese e estrutura da arqueologia*

No âmbito das antropologias da linguagem e do reconhecimento por elas de uma aderência humana à linguagem, as reflexões d’*A arqueologia* parecem transcendentais ou especulativas. Elas foram inspiradas a Foucault por Heidegger. Existe uma convergência conceitual entre a analítica do *Dasein* e a temática foucaultiana da morte do homem<sup>5</sup>. A arqueologia foucaultiana pressupõe, ao modo heideggeriano, que um certo gênero de “realidade” se ofereça e se retire oferecendo-se; ela identifica uma presença insistente sobre o modo da ausência. Consequentemente, a forma-homem se desvanece no momento em que se apresenta; oferece-se ao olhar científico recusando-se a toda captura epistemológica.

A ligação de Foucault com o pensamento de Heidegger é antiga. Sua tese complementar, *Gênese e estrutura da antropologia de Kant*, pode ser considerada como a introdução de Heidegger na filosofia kantiana do homem, o trabalho suplementar no pensamento kantiano da antropologia de uma analítica da finitude inteiramente

---

<sup>4</sup> Sobre este sentido “metafísico”, ver o artigo de Chastaing: “Dois livros em um único [...] Um é um livro de história. O outro um livro de ‘metafísica’.” (CHASTAING, 1965, p. 111-113).

<sup>5</sup> Inspiramo-nos livremente em Mikel Dufrenne, que analisou a transposição foucaultiana da “arqueologia ontológica” de Heidegger, “a história da *epistémé*” tendo, em Foucault, “as mesmas prerrogativas que a verdade do Ser, em Heidegger”: “o Ser se dispensa para nós, mas de tal modo que nos furta ao mesmo tempo sua essência” (DUFRENNE, 1968, p. 40; 18-19, sobre a convergência com o anti-humanismo heideggeriano).

heideggeriana. Foucault mostra, deste modo, que o homem não aparece na obra de Kant sem se subtrair ao olhar crítico; o movimento pelo qual Kant é conduzido a se interessar pelo homem o leva também a descobrir a impossível manutenção de sua forma. É, segundo Foucault, a incompatibilidade fundante da crítica e da antropologia, a instabilidade do sistema de Kant, recuperada segundo a linha de sua heterogênesse efetiva, insuperável dificuldade de uma conciliação das expectativas teóricas das três *Críticas* e da consideração final da forma-homem n'A *Antropologia*. Ter-se-á reconhecido aqui, sobre um modo ainda não plenamente explícito, o tema do homem como “duplo empírico-transcendental” e aquele de sua “morte” próxima.

Ao mesmo tempo, todavia, Foucault demonstra, na sua tese complementar, que Kant manteve-se bastante informado sobre os desenvolvimentos antropológicos de sua época. Ele atualiza um complexo sistema histórico de traslados entre as primeiras redações do curso da antropologia de Kant, suas recepções e suas reinvestidas pelos antropólogos contemporâneos, enfim a consideração por Kant, nas suas redações ulteriores e na última versão entregue para edição, destes ecos de seu trabalho inicial. O que aparece, então, e o que confirma a história do kantismo e dos retornos a Kant ao longo de todo o século XIX é, antes da instabilidade do “duplo” afirmado pelo arqueólogo Foucault, a inextricável nuvem do transcendental e do empírico em torno da figura do homem. Não é sem interesse, nem sem ironia que se constata que a exposição, nesta tese complementar, de alguns fatos de nuvem contradiz a afirmação arqueológica, marcada pela leitura de Heidegger, de uma impossível junção dos pressupostos críticos e das investidas antropológicas.

Mas Foucault se desligou pouco a pouco deste entusiasmo inicial pelo pensamento de Heidegger. Paralelamente a este distanciamento, foi conduzido a reintroduzir, neste quadro de análises verdadeiramente históricas, dimensões que faltavam àquelas dos anos sessenta, inteiramente arqueológicas. No decorrer dos anos setenta, encontraram-se progressivamente relegitimados estes objetos próprios que certos historiadores e psicólogos censuravam Foucault por ter negligenciado, estes componentes indispensáveis à compreensão do sentido das práticas humanas – de uma parte o poder, em *Vigiar e punir*; de outra parte o devir-sujeito, por meio dos três volumes de *A história da sexualidade*.

### Referências

- CHASTAING, M. M. Foucault, Histoire de la folie à l'âge classique. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*. T. 155, 1965, p. 111-113.
- D'ALLONNES, R. O. *Michel Foucault: les mots contre les choses*. In: *Structuralisme et marxisme*. Paris: UGE, 1970, p. 13-37.
- DE LACLOS, F. F. *La psychologie des philosophes*. De Bergson à Vernant. Paris: PUF, 2012.
- DUFRENNE, M. *Pour l'homme*. Paris: Seuil, 1968.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Seuil, 1996.
- VEYNE, P. *Foucault*. Sa pensée , sa personne. Paris: Albin Michel, 2008

Frédéric Fruteau de Laclos  
Centre d'Histoire des Systèmes de Pensée Moderne (EA 1451)  
Université Paris I Panthéon-Sorbone

Alessandro Francisco, tradutor.  
Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC/SP, com  
cotutela na *Université Paris VIII – Vincennes/Saint-Denis*.  
E-mail: [alessandro.fco@terra.com.br](mailto:alessandro.fco@terra.com.br)